

De Ataíde a Savimbi

Serviço da AIM

Na sua conferência de imprensa, na semana passada, o ex-porta-voz dos bandidos armados em Lisboa, Pauló Oliveira, opinou que Ataíde, Mateus, Lopes, Orlando Cristina e os irmãos Bomba foram liquidados pelos militares sul-africanos.

Todos eles estavam envolvidos, a diversos níveis de chefia, com o banditismo armado. Todos eles juntaram os seus nomes a horrendos crimes contra o Povo moçambicano. Mas a certa altura deixaram de servir os propósitos da principal força controladora dos bandidos armados, os militares sul-africanos, e morreram misteriosamente.

Que paralelismo se poderá estabelecer entre isto e a UNITA?

No que diz respeito aos bandidos que operam em Moçambique, há várias individualidades, instituições privadas e forças políticas no Ocidente que disputam o controlo desses bandidos à África do Sul. Pretendem eles criar uma espécie de «oposição de cara lavada» em Moçambique, a partir das criaturas frankensteinianas que a Rodésia e Pretória criaram.

Até aqui falharam. Quem determina os alvos dos bandidos, quem diz qual deles manda e quais deles deverão ser liquidados são as militares sul-africanos.

Em relação à UNITA não se trata apenas de entidades privadas. A Administração Reagan apoiava com armas e pressão o grupo para pelo menos, estabelecer uma imagem de afastamento em relação a Pretória, pois nenhum governo africano, por mais conservador, pode pressionar o MPLA a aceitar uma aliança com a UNITA enquanto esta for comandada pelo General Malan e os seus colegas.

A partir de certa altura, no quadro deste jogo, a UNITA começou a reivindicar acções militares fantásticas que não eram de sua autoria. Pretória não gostou e Malan veio a público dizer que tais acções eram levadas a cabo pelas Forças Armadas sul-africanas (SADF) para «salvar a UNITA». Os generais sul-africanos não autorizam que a UNITA jamais venha a ser um «factor diplomático» fora do campo de manobra restrito que lhe dão. E não autorizam que os EUA assumam o controlo do grupo.

E isto por duas razões fundamentais.

Em primeiro lugar, Pretória não quer perder o controlo sobre a sua primeira linha de fogo e primeiro Instrumento dentro de Angola. A UNITA é a primeira linha de morte da muita carne para canhão que Pretória utiliza. Os generais de Pretória querem que isso assim continue para não terem que perder mais soldados brancos das SADF. Em segundo lugar, os generais racistas não deixam a UNITA exceder-se na imagem de si própria, pois isso violaria toda a sua ideologia racista.

E é certo que Pretória autorizou a Savimbi um campo de projecção propagandística que nunca autorizou aos chefes locais dos bandidos armados em Moçambique. Interessava-lhe jogar na teoria da chamada base étnica da UNITA. Mas o interesse maior dos generais é prosseguir a guerra em Angola e a colonização na Namíbia para não perderem o poder político em Pretória e para isso precisam da UNITA (com esse ou qualquer outro nome).

Se dentro da UNITA houver elementos a quererem transformar o grupo em coisa autodeterminada, e então aceitar uma base de entendimento com os legítimos governantes de Angola (o MPLA), tais elementos passarão a ser muito mal vistos entre os generais sul-africanos.

Em suma, da mesma maneira que um ou mais oficiais superiores sul-africanos ordenaram a morte de Cristina, Ataíde e dos outros, também poderão mandar matar Savimbi ou qualquer outro dentro da UNITA que queira fugir ao controlo sul-africano. Para os generais de Pretória, a UNITA é um instrumento e não um aliado. E esta verdade está a vir ao de cima cada vez com mais clareza.